

## BRAÇOS VAZIOS

*Por Luana Cabral*

As personagens de *Braços Vazios* são pontuadas pela tensão entre a continuidade necessária à vida e a inevitável ruptura causada pela dor. Seus filhos, amados, perdidos, são a cicatriz incurável que o filme não tenta apagar, mas coloca em contexto com o fluxo natural da vida de qualquer mulher negra, brasileira. Um café compartilhado na cozinha, um cigarro; ir ao mercado e voltar com as sacolas recheadas, tão pesadas que os braços se esforçam para carregá-las; preparar a comida, sentar-se à mesa e, sozinha, fazer suas refeições. São esses os braços que lutam, constroem, trabalham, resistem, mas também os que querem dar forma a um afeto que agora lhes é inacessível. Esses braços buscam nos objetos deixados para trás por um filho - suas roupas, seu relógio, sua cama - a lembrança de uma presença que lhes foi violentamente furtada.

A palavra parece difícil de ser incluída num cotidiano que não reluta em seguir seu fluxo. É preciso que se crie um espaço de troca mútua, de elaboração - de fala e de escuta. Esses braços, ainda que cruzados, ainda que em silêncio no canto da sala, encontram um objeto ao qual se agarrar, não tão fisicamente ligado a seus filhos, a seus corpos de rapazes. Pode ser isso, esse "objeto", a revolta, a necessidade de justiça, ou algo que queima por dentro de várias e indefinidas maneiras. Apenas essas mãos poderão dizer aquilo que as move. O que pode, contudo, nos aproximar delas? Arrisco dizer que para *Braços Vazios* não há importância em explicar os porquês, os poréns, as causas e os motivos de ser esse um tema tão urgente e de tanta significação, e que, caso não estejamos dispostos e dispostas a compartilhar da dor dessas mães, a única saída que o filme nos apresenta é a distância.

Não que abdique das emoções, muito pelo contrário. A trilha sonora presente desde o primeiro plano é uma delimitação do tipo de envolvimento com o filme que é esperado: há melancolia, uma dureza, algo difícil de ser diluído, mas essas estratégias de mobilização estão à serviço de quem conta (e vive) a história, e não do olhar convidado a habitá-la (que depois sairá ileso, há que se dizer). No fim das contas, essas mulheres não estão juntas por um acaso, e não são uma coleção de personagens com histórias parecidas. São elas uma comunidade que se movimenta, carregando consigo o peso dessas vidas marcadas por uma perda e delimitadas pela falta. Este peso cortante, incômodo transbordará pelo quadro.